

I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

AS COMUNIDADES DE TERREIRO DE MATRIZES AFRICANAS COMO ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA

02 - A quilombagem, grupos específicos e diferenciados

Leonardo Patricio de Barros, (UERJ)
leonardo_pbarros@hotmail.com

RESUMO

Na particularidade brasileira os negros em diáspora organizaram formas de resistência, sendo as comunidades de terreiro de matrizes africanas uma dessas estratégias. Essas comunidades de terreiro são espaços fortalecidos para manutenção dos modos de vida ancestrais. Compreendidas como grupos específicos, essas comunidades mantêm a possibilidade de conservação da práxis negra insurgente.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo religioso. Comunidades de Terreiro de Matrizes Africanas. Resistência negra. Grupo específico.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.

Esse trabalho é resultado de reflexão teórica em que buscamos compreender o racismo religioso como ideologia legitimadora das perseguições históricas contra as comunidades de terreiro de matrizes africanas, sendo essas comunidades espaços construídos pela resistência contra as tentativas de destruição dos modos de vida dos negros.

No processo de acumulação primitiva realizado nas Américas, pelo processo de colonização, os negros em diáspora se organizaram de variadas formas para não sucumbirem a dominação estruturada pelo racismo. Quilombos, comunidades de terreiro de matrizes africanas, confrarias, revoltas foram algumas das muitas formas de resistir dos negros em diáspora.

Compreendemos que as comunidades de terreiros de matrizes africanas foram e continuam sendo espaços de resistência negra e fortalecimento dessa população.



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

No âmbito da sociabilidade burguesa, a população negra sofre de forma cada vez mais bárbara os impactos gerados pela dinâmica de luta de classes, pois a subalternização dessa população atende a lógica racista que é base do modo de produção capitalista.

RESULTADOS.

Verger (2018) ao registrar uma intervenção policial em uma das comunidades de terreiro de matrizes africanas mais antiga de Salvador-BA, nos permite identificar que as instituições repressivas – no século XIX - compreendiam as potencialidades desses lugares e por meio da repressão tentavam impedir a organização e insurgência dos negros baianos.

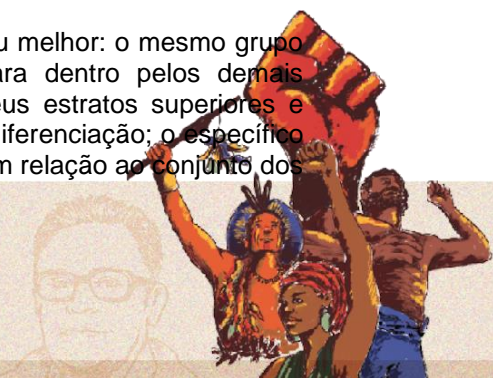
Por volta de 1826, a polícia da Bahia havia, no decorrer de buscas efetuadas com o objetivo de prevenir possíveis levantes de africanos, escravos ou livres, na cidade ou nas redondezas, recolhido atabaques, espanta-moscas e outros objetos que pareciam mais adequados ao candomblé do que a uma sangrenta revolução. (Verger, 2018, p. 37).

O que o autor não identifica é justamente o fato de que os objetos apreendidos fazem parte, fundamentalmente, da indumentária religiosa desses terreiros. Entretanto, as práticas ali colocadas, no âmbito da manutenção de um modo de vida dos negros diaspóricos, significava, de maneira contundente, a inversão da ordem colocada, ou seja, do escravismo pautado na racialização e inferiorização dos negros.

Compreendemos que a divisão social do trabalho nessas comunidades, os cargos de organização, a compreensão de coletividade e a própria manutenção desses espaços são delimitadas, em um processo, que se observa e se identifica na tentativa de recriação e reprodução de um modo de viver e de saberes ancestrais que são anteriores a dominação capitalista.

Entretanto, esses espaços não são organizações que se constituem ao largo das contradições que estão postas na dinâmica do modo de produção capitalista. Seria ingenuidade afirmar que não sofrem com a influência dessa sociabilidade burguesa, contudo, podemos afirmar que são organizações negras que historicamente serviram e servem para resistência negra contra os processos de opressão e tentativas de aniquilamento da cultura e saberes criados pelos negros diaspóricos.

O grupo específico, por seu turno, se identifica. Ou melhor: o mesmo grupo pode ser diferenciado quando visto de fora para dentro pelos demais membros da sociedade ou pelo menos pelos seus estratos superiores e deliberantes, enquanto o mesmo não sente essa diferenciação; o específico se vê, é analisado pelos seus próprios membros em relação ao conjunto dos



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

demais grupos sociais, quando adquire consciência dessa diferenciação (Moura, 1977, p. 165. grifo do autor).

É a partir do conceito de grupo específico que compreendemos essas comunidades de terreiro de matrizes africanas, em que há o fortalecimento dos vínculos desse grupo que historicamente esteve ameaçado e foi interpretado, na lógica do dominador, como grupo diferenciado, demonizado e criminalizado.

O racismo religioso é a ideologia que legitima os ataques contra essas comunidades. Ao longo da formação social brasileira podemos observar o racismo presente nas ações mais diretas e nas mais indiretas e sorrateiras para destruição desses modos de vida e tradições negras. Seja pela retirada de elementos como o atabaque dos ritos religiosos ou do embranquecimento das divindades, como podemos verificar, em uma das mais famosas imagens de Iemanjá¹, em que a pele é geralmente branca e os cabelos longos, lisos e muitas vezes claros.

Considerando este Orixá como uma divindade negra africana, pertencente a religiosidade yorubá², podemos perceber que as características fenotípicas atribuídas a uma das imagens mais famosas deste Orixá, são parte do processo de eugenia, presentes até os dias de hoje na sociedade brasileira.

Na tentativa de demonização das próprias divindades orgânicas das tradições de matrizes africanas, como se tentou fazer com Esù, ou na forma com que se interpretou essas tradições como animismo, manifestações de atraso, com práticas selvagens, como apresentou Nina Rodrigues. “O dualismo dos negros é, pois, ainda o dualismo rudimentar dos selvagens, e Esú não passa de uma divindade má ou pouco benévola com os homens”. (Rodrigues, 1935, p. 40).

O autor supracitado ao realizar seus estudos empíricos no terreiro do Gantois observou cada elemento presente naquele espaço e os interpretou pela ótica do racismo científico.

O autor tentou enquadrar o Orixá Esù³ partindo de uma ideia dualista e moralizante de bondade e maldade, sem considerar a lógica presente na compreensão yorubana da divindade que está relacionada a ordem por meio do caos, uma divindade dialética em suas

¹ “Orixá do rio Níger, dona das águas, senhora do mar, mãe dos orixás”. (Prandi, 2001, p. 566).

² “Nesta, a organização litúrgica matricial, (...) o termo “religiosidade” é adequado, já que não se trata de “religião” no sentido europeu de monopolização empresarial e universal da fé e sim, como temos procurado demonstrar, de uma filosofia própria com roupagem de seita” (Sodré, 2017, p. 218).

³ “Orixá mensageiro; dono das encruzilhadas e guardião da porta de entrada da casa; sempre o primeiro a ser homenageado”. (Prandi, 2001, p. 565).



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

ações, responsável pelos caminhos, organização, comunicação e alegria divinização da alegria tendo como característica a gargalhada.

O referido autor interpretou o Orixá a partir de uma perspectiva judaico-cristã dual de bom/mau que foge ao complexo de crenças dessas tradições, desconsiderou saberes e compreensões filosóficas não eurocêntricas. Nesse sentido, definiu aquela organização e práticas negras como selvagens e consequentemente atrasadas, por não atenderem a um padrão específico de sociabilidade e moral baseados na sociedade burguesa.

Na atualidade podemos observar que essa lógica racista que norteou Nina Rodrigues permanece e pode ser identificada quando as práticas de sacralização animal e transe são identificadas como ritos ultrapassados e tribais.

Na dinâmica de luta de classes compreendemos que a criação dessas comunidades de terreiro de matrizes africanas está pautada na práxis revolucionária dos negros, pois essas comunidades pautaram suas organizações no combate a subsunção aos mandos da classe dominantes no escravismo (1550-1888) e no pós-abolição.

Podemos ver que a posição do quilombola influenciou o comportamento de toda a sociedade da época. (...) na camada dos escravos que ainda não haviam perspectivado o problema, a luta da camada rebelde despertou elementos de intuição capazes de fazê-los entrar no rol dos que, através da práxis revolucionária, negavam o sistema vigente (Moura, 2014, p. 404).

Ao realizar a abordagem sobre as revoltas negras no período da escravidão, Moura (2014) revela que os negros em diáspora desenvolveram as organizações contra hegemônicas, buscando não sucumbirem aos processos de tentativa de aniquilamento a que foram e continuam sendo vitimados desde a consolidação da sociedade moderna.

“Na diáspora, o espaço geográfico da África genitora e seus conteúdos culturais foram transferidos e restituídos no ‘terreiro’ (Santos, 2012, p. 32-33). A autora identifica que os sujeitos em diáspora construíram as formas possíveis de ressignificar a realidade em que estavam inseridos, buscando uma reconexão com esse modo de vida que tinham antes da escravização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Assim, as comunidades de terreiro de matrizes africanas são uma forma coletiva de construção na diáspora para resistir a tentativa de apagamento total e de aniquilação dos saberes, cultura, crenças e organização social dos negros africanos. Esses espaços devem



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

ser entendidos como territórios que guardam um modo de vida negro diaspórico, estão postos como lugar que garantiu até a atualidade a continuidade do culto ao complexo ancestral negro no contexto da diáspora e suas formas de viver.

As tradições, organização e formas de comportamento nesses ambientes remetem não a uma prática estritamente religiosa, embora no Brasil tenha ganhado essa interpretação, mas são formas de viver, que estão pautadas em uma tentativa organizada pelos escravizados de manter viva a tradição vinculada aos seus modos de vida pré-diáspora.

Seguem no cenário contemporâneo perseguidas, violadas, deslegitimadas, mas continuam como espaços de acolhimento, manutenção de modos de vida dos negros diaspóricos, guardando saberes ancestrais e outras possibilidades de (re)produção da vida social e possibilitando que os negros se identifiquem como sujeitos que são historicamente oprimidos e nesse aspecto serve como espaço de organização e fortalecimento dos negros contra as opressões raciais.

Referências

- CUNHA, C.V. **Oração de traficante**: uma etnografia. Garamond, 2015.
- MOURA, C. **O negro**: de bom escravo a mau cidadão? Rio de Janeiro: Conquista, 1977.
- MOURA, C. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?**. Rio de Janeiro: Conquista, 1977.
- MOURA, C. **Rebeliões da senzala**: quilombos, insurreições, guerrilhas. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.
- PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- RODRIGUES, R.N. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- SANTOS, J. E. **Os nagô e amorte**: padê, asêse e o culto égun na Bahia. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SODRÉ, M. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- VERGER, P. **Orixás**: deuses iorubás na África e no novo mundo. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.

